

## COM TANTO PAU NO MATO... NOTAS PARA UMA DIALETICA DA CARIOQUICE

Marcos Alvito

“Com tanto pau no mato/embaúba é coronel”. Assim cantavam os escravos das fazendas de café do Vale do Paraíba enquanto trabalhavam debaixo do sol quente e do olhar atento dos feitores. Este jongo, recolhido no final da década de 1940 pelo historiador norte-americano Stanley Stein (1990) junto a ex-escravos de Vassouras, contém uma crítica sarcástica ao senhor de escravos condensada em apenas dois versos. É o que nos ensina outro historiador norte-americano, Robert Slenes (2008), em um livro lançado recentemente. O jongo precisa ser decifrado ou, em linguagem nativa, que faria Geertz alegrar-se, “desatado”. A teia de significados tem sua chave, é claro, na embaúba. Borges Ribeiro deu o pontapé inicial, observando que a embaúba era uma árvore alta e imponente, mas cuja madeira era imprestável. Mais do que isso: a embaúba era conhecida como “árvore da preguiça”, porque era preferida deste animal, mas este é apenas o significado mais óbvio do jongo: o coronel, apesar de toda a sua arrogância e a despeito da aparência imponente, “não presta e é preguiçoso”. Mas a interpretação de Slenes vai bem mais além. Notando que a maioria dos escravos era proveniente da África centro-ocidental e que havia uma enorme proporção de africanos entre os escravos do Vale do Paraíba, ele formula a hipótese de que este jongo tivesse outros significados, mais profundos e decifrados-desatados somente pelos negros. Ensina Slenes (2008, p. 132-133):

Na área cultural kongo, homens (e ancestrais) de grande valia eram rotineiramente identificados com árvores de madeira de lei; assim, por contraste, homens moralmente fracos, mesmo que poderosos, facilmente poderiam ser comparados a paus de polpa mole. Chamar o senhor de ‘embaúba’, portanto, era denunciá-lo como impos-

